

3. Gêneros Textuais

Olhando para os conteúdos exigidos para cada bimestre na matriz de referência⁴ em língua portuguesa para as avaliações do SAERJinho, vemos que, a cada bimestre, em cada um dos anos do Ensino Médio, espera-se que o aluno saiba identificar o gênero de diversos textos. É esperado que, ao longo de cada bimestre, os professores de língua portuguesa trabalhem esses gêneros preparando, assim, os alunos para as avaliações. Então, partindo do pressuposto de que os alunos já tiveram contato com os gêneros textuais a serem abordados nas provas, espera-se que os mesmos não encontrem dificuldades na compreensão dos textos utilizados.

A matriz de referência de língua portuguesa estabelece como meta que os alunos das três séries do Ensino Médio regular saibam identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros (habilidade 07) e também reconheçam os modos de organização das diferentes tipologias textuais (habilidade 11); sendo assim, qualquer gênero textual bem como textos de tipos diversos podem aparecer em qualquer uma das provas, em qualquer série e também em qualquer bimestre. E é exatamente com essa diversidade de gêneros que o aluno se depara nas provas analisadas nesta pesquisa.

Como já foi mencionado no capítulo anterior, é importante para o leitor ter em mente que o tipo de texto já coloca certas restrições quanto a seus possíveis objetivos. Vimos também que ele não obterá, por exemplo, informação sobre o que aconteceu no mundo nas páginas dos classificados, já que este gênero destina-se a fornecer informações estritamente relacionadas à compra e venda de produtos de modo geral. Para obter informações sobre os fatos ocorridos na sociedade que o cerca, o leitor certamente terá que ler o caderno de notícias. Deste modo faz-se necessário que o leitor conheça os gêneros e os tipos textuais existentes, além de ser capaz de compreender as múltiplas linguagens presentes na comunicação.

Existem múltiplos olhares sobre o conceito de gênero. A própria concepção do que se entende por gênero e o que e como deve ser objeto de investigação

⁴ As matrizes de referência para os três anos séries do Ensino Médio estão disponíveis nos Anexos 5, 6 e 7.

mudou ao longo do tempo. Bhatia (1997) aponta três traços importantes que caracterizam as diferentes abordagens de análise de gêneros. O primeiro é a ênfase no conhecimento convencional. Os gêneros são definidos pelo uso da linguagem em contextos de comunicação convencionados originando conjuntos específicos de finalidades comunicativas para grupos sociais e disciplinares especializados. Tais conjuntos específicos podem estabelecer formas estruturais relativamente estáveis podendo até mesmo impor certas restrições quanto ao emprego de recursos léxico-gramaticais. Para se identificar o propósito comunicativo mutuamente compartilhado por participantes de uma comunidade discursiva, deve-se ter uma adequada compreensão de sua situação retórica típica. Sendo assim, os propósitos comunicativos podem levar à identificação de regularidades de formas estruturais e organizacionais que delineiam um construto genérico. Swales (1990), citado por Bhatia, sustenta que os gêneros não surgem da noite para o dia. Eles só são reconhecidos quando já estão bastante padronizados. A sessão sobre conhecimento convencional é finalizada com a observação de que as convenções genéricas são as responsáveis por manter a atmosfera comunicativa e a ordem desejáveis nas comunidades civilizadas.

O segundo traço característico é a versatilidade da descrição linguística baseada em gêneros. A versatilidade genérica atua em vários níveis e é considerada um modelo que detalha o relacionamento entre: (a) texto e contexto em sentido estrito; (b) o uso que as pessoas fazem de linguagem e o que torna isso possível; e (c) língua e cultura, em sentido amplo. O conceito de propósito comunicativo de um gênero também é muito versátil, podendo-se chegar à condição de identificar o *status* do gênero em específico ou o uso que ele faz das convenções genéricas. Apesar de os gêneros serem identificados pelos propósitos comunicativos, estes propósitos também podem ser caracterizados em diferentes níveis de generalização. Para ilustrar essa questão, Bhatia usa como exemplo de convenção genérica o discurso promocional que tem como gêneros específicos os anúncios, as cartas promocionais, panfletos e outros mais. Tais gêneros específicos são vistos como integrantes de uma colônia discursiva intimamente relacionada e que servem a um propósito comum apesar de apresentarem diferenças em sua realização.

“Em outras palavras, o analista de gêneros pode focar tanto as semelhanças como as diferenças entre vários membros de uma colônia de gêneros. Se o interesse é focar as sutilezas do gênero, ele ou ela terá que definir os propósitos comunicativos em um nível propriamente mais baixo de especificidade; se o interesse é distinguir uma variedade de realizações específicas de gêneros de certo modo similarmente relacionados, ele ou ela precisará especificar os propósitos comunicativos em um nível mais alto de generalidade.” (Bhatia 1997, p.105)

Bhatia abre a discussão sobre a terceira característica da teoria de gêneros- integridade genérica x tendência para a inovação- apontando para a natureza dinâmica dos gêneros que têm uma tendência natural à inovação e à mudança. Essa tendência confere aos gêneros um tipo de complexidade dinâmica. Como os gêneros situam-se em contextos sócio-retóricos específicos modelando respostas retóricas futuras a situações similares, eles sempre estão suscetíveis tanto à mudança quanto à estabilidade.

Buscando ampliar a caracterização do que se entende por gênero, voltamos nosso olhar para a discussão levantada por Roth (2008) em sua análise crítica de gêneros. A fim de definir o conceito de gênero, a autora apresenta a opinião de autores de quatro escolas: (1) na Análise de Gêneros estão Swales (1998, p. 20) e Bhatia (2004, p.54), que definem gênero como evento comunicativo; (2) na Sócio-Retórica, Miller (1984, p.151), que define gênero como ações retóricas típicas; (3) na Linguística Sistêmico-Funcional, tem-se Halliday (1978, p.145), definindo gênero em termos de funções semióticas específicas à cultura, e Martin (2002), definindo-o como conformação recorrente e progressiva de significados para realizar práticas sociais; e (4) no Interacionismo Sócio-Discursivo, está Bronckart (1999, p.137), que define gênero como remetendo a textos com características relativamente estáveis. Essas quatro escolas coincidem em dois pontos: o primeiro aponta para o caráter social dos gêneros; e o segundo, para a estabilidade na forma, no conteúdo e no estilo de gêneros que são recorrentes.

O conceito de gênero é considerado, neste trabalho, a partir da abordagem de Marcuschi (2010), que, assim como os demais autores, também aponta para a natureza social do gênero. De acordo com ele, os gêneros surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas e isso pode ser facilmente observado ao se considerar a quantidade

de gêneros textuais existentes atualmente em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita.

Em uma fase inicial, povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Depois da invenção da escrita, os gêneros se multiplicaram, surgindo os típicos da escrita. A partir do século XV, os gêneros foram se expandindo. Isso se deu devido ao florescimento da cultura impressa para, na fase intermediária de industrialização, já no século XVIII, dar início a uma grande ampliação. Atualmente, na fase da cultura eletrônica, vemos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na língua falada quanto na escrita.

Podemos distinguir os gêneros textuais muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. Os gêneros são diversos e de múltiplas formas, nem sempre recebem denominações unívocas e, assim como surgem, podem desaparecer.

Não são as tecnologias que dão origem aos gêneros e sim a intensidade de seu uso e suas interferências nas atividades comunicativas diárias. Assim, os grandes suportes tecnológicos da comunicação tais como o rádio, a televisão, o jornal, a revista, a internet vão propiciando e abrigando gêneros novos. Destes meios, surgem novas formas discursivas, tais como, editoriais, artigos de fundo, notícias, telefonemas, telegramas, telemensagens, teleconferências, videoconferências, reportagens ao vivo, cartas eletrônicas (e-mails), bate-papo virtuais (chats), aulas virtuais aulas chats) e muitos outros gêneros tais quais estes. A tecnologia favorece o surgimento de formas inovadoras, mas não absolutamente novas.

Um aspecto central no caso desses e de outros gêneros emergentes é a nova relação que estabelecem com os usos da linguagem em si. Eles possibilitam redefinir alguns aspectos centrais na observação da linguagem em uso como, por exemplo, a relação entre a oralidade e a escrita, desfazendo ainda mais as suas fronteiras. É muito comum, por exemplo, vermos palavras grafadas de uma maneira mais próxima da forma falada. É o caso da linguagem das salas de bate-papo na internet, por exemplo, com seu “naum” ao invés de não e outros termos do tipo.

Esses gênerosemergentes também permitem observar a maior integração entre os vários tipos de semiose: signos verbais, sons, imagens e formas em movimento.

Uma distinção importante é entre o conceito de gênero e de tipo textual. Para Marcuschi (2010), a expressão tipo textual designa uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas e tradicionalmente ensinadas através dos livros didáticos como sendo os “gêneros” textuais, são eles: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. Enquanto os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros textuais são inúmeros. Alguns exemplos: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva.

Os gêneros textuais não se caracterizam como formas estruturais estáticas. Não há como fazer uma lista fechada com todos os gêneros. Existem estudos feitos por linguistas alemãs que chegaram a nomear mais de 4000 gêneros. Por esse motivo, nenhum linguista persiste em teorias com pretensão a uma classificação geral dos gêneros.

Como visto no capítulo sobre leitura, um maior conhecimento do funcionamento dos gêneros textuais é fundamental para a compreensão leitora, pois a identificação do gênero ativa o conhecimento textual linguístico capaz de simplificar tal compreensão. É importante observar que, assim como do ponto de vista do linguista não é possível realizar uma classificação geral dos gêneros, também não é viável que o professor trabalhe toda a multiplicidade de gêneros existentes. Dada a natureza dinâmica da constituição de gêneros, em particular por conta dos avanços tecnológicos, cumpre notar que o trabalho do professor jamais esgotará as possibilidades existentes. Nesse sentido, o que parece ser factível e relevante é considerar que tipo de habilidades linguístico-textuais e estratégias cognitivas precisam ser trabalhadas junto aos alunos para que estes estejam aptos a lidar tanto com gêneros já conhecidos como gêneros que ainda estão por surgir.

Seria bom pensar na questão da relação entre oralidade e escrita no contexto dos gêneros textuais, pois eles distribuem-se pelas duas modalidades num

contínuo, desde os mais informais aos mais formais e em todos os contextos e situações da vida cotidiana. Há alguns gêneros que só aparecem na forma oral, embora tenham sido produzidos originalmente na forma escrita, como o caso das notícias de televisão ou rádio. Assim é bom ter cautela com a ideia de gêneros orais e escritos.

Os interlocutores podem seguir alguns critérios para designarem seus textos, como por exemplo, o canal/ meio de comunicação: telefonema, carta, telegrama; os critérios formais: conto, discussão, debate, contrato, ata, poema; e a natureza do conteúdo: piada, prefácio de livro, receita culinária, bula de remédio. Porém, tais critérios não são suficientes para classificar todos os textos.

Para uma adequação tipológica outros aspectos devem ser observados: natureza da informação ou do conteúdo veiculado; nível de linguagem (formal, informal, dialetal, culta etc.); tipo de situação em que o gênero se situa (pública, privada, corriqueira, solene etc.); relação entre os participantes (conhecidos, desconhecidos, nível social, formação etc.); e natureza dos objetivos das atividades desenvolvidas.

Os gêneros independem de decisões individuais, não são facilmente manipuláveis, e operam como geradores de expectativas de compreensão mútua.

No ensino em sala de aula seria bom tratar dos gêneros na perspectiva aqui analisada. E assim levar os alunos a produzirem ou analisarem textos tanto escritos como orais, e identificarem as características de gênero em casa um deles.